

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . \$70 ANO 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO IV — LISBOA, JANEIRO E FEVEREIRO DE 1920 — N.º 86 A 88

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO || REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA || EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

AS PROVINCIAS DE PORTUGAL E O TURISMO

TEM sido a nossa Revista d'uma persistencia ininterrupta em mostrar as vantagens e os beneficios de uma boa exploração da industria do turismo em Portugal. Desde o seu primeiro numero, ela não tem deixado de pugnar por uma acção intensiva da parte das instancias que teem como razão da sua existencia a defeza do patrimonio nacional, o fomento da industria das viagens, o incitamento pela methodisação e congregação dos serviços que constituem, por assim dizer, a base do turismo. Por todas as formas ela tem procurado suggestionar uma organização que, correspondendo ás exigencias d'essa preciosa industria, satisfaça igualmente ás necessidades do Paiz.

Debalde tem sido esse constante trabalho. Infelizmente, em Portugal ainda não se conseguiu entrar no bom caminho. Não se dirá, porém, que para isso não tenhamos concorrido. Temos, e muito; porque outra coisa não fazemos ha perto de quatro anos.

Mas — digamos em boa verdade — pouca ou nenhuma companhia temos tido n'essa nossa asperrima cruzada. Paciencia.

Um dia virá em que se nos ache razão; mas, então, talvez seja já um pouco tarde.

O que mais uma vez se prova é que a energia oficial não se desvia da politica — e esse tem sido a grandiosissima pécha d'esta malfadada terra.

Durante os quasi quatro annos da nossa existencia, pouco temos constatado que nos dê uma esperanza de se arripiar caminho.

Referimo-nos — é claro — ao que importa á industria do turismo em Portugal.

E como entendemos que alguma coisa se poderá fazer, para beneficio d'essa industria, sem o concurso das instancias ás quaes, naturalmente, incumbia a obrigação de serem as primeiras a manifestar-se; e estando certos de que a acção particular contribuirá grandemente para a efectivação do nosso «desideratum», sobrelevando-se ao mais simples concurso official; vamos iniciar uma serie de considerações tendentes a atrahir muito especialmente a atenção das provincias para a congregação dos seus com os nossos esforços, esperanzados em que o nosso incitamento produzirá os efeitos que legitimamente ha a esperar.

Isso será mais uma prova de patriotismo e de energia das provincias portuguezas, que muito as orgulhará.

Coincide, felizmente, esta nossa ideia com o procedimento genial e altruista do nosso prezado colega *Diario de Noticias*, em despertar o sentimento patriotico por meio da celebração dos congressos regionaes; e ela será como que um oportuno complementó d'essa obra de largo alcance, a que não podemos deixar de dar o nosso melhor concurso e o mais entusiastico apoio.

E' realmente das provincias — que, de resto, constituem a maioria da população portugueza — que nós devemos esperar a maior quota-parte para o desenvolvimento da industria das viagens.

As grandes cidades teem a sua

acção n'essa rendosa industria. O seu logar está marcado em caracteres bem legiveis em todas as cartas corograficas e mapas geograficos, e por isso ninguem que goste de viajar e tenha tempo e dinheiro para o fazer, deixará de as visitar. Porém, a apreciação que d'elas fizer, é consequencia das suas condições de vida.

E embora a conclusão que se oferece ao estrangeiro não seja de molde a deixa-lo bem impressionado — como, certamente, acontece com Lisboa — isso não obsta, porém, a que ele deixe de visitar o resto do paiz, especialmente se os seus sitios e motivos de atracção forem anunciados com o réclame indispensavel e n'elles o viajante encontre realmente as comodidades e os encantos que se pretende valorisar.

E', pois, para a constituição d'esses atractivos e d'essas comodidades o fim especial d'esta nossa campanha. Isso depende, unica e exclusivamente, das forças regionaes. São elas que, pelo conhecimento da região, da sua historia, das suas belezas naturaes e artisticas, as melhores, senão as unicas, para elucidarem os viajantes. São elas que, como nenhuma outras, podem e devem defender o seu legitimo patrimonio. São elas, emfim, que devem guardar com o egoismo e carinho de mãe e com um fervoroso culto, as joias da sua terra, as riquezas que ela envolver, que, quanto mais estimadas forem, tanto maior apreço despertarão.

Cuidar d'uma região, guardando com delicado respeito os seus padrões de gloria, conservando sempre as suas estradas transitaveis, repovoando os seus bosques, mantendo constantemente em estado de perfeita limpeza as ruas das suas cidades e vilas, os edificios publicos e particulares, tendo especial atenção pelos seus hotéis, quer na apparencia, quer — e mi-

to especialmente — no interior e no serviço, que deve ser tanto quanto possível regional; tudo isso é muito mais — e tarefa que só os seus habitantes devem cumprir, com o entusiasmo de alindar o que é pertença própria, de enaltecer o valor do que se possui e que ninguém mais pode tão justamente apreciar.

E, para isto, o que se torna preciso? Muito e pouca coisa. Muito de energia e, sobretudo, de patriotismo, de amor ao torrão natal. Pouca coisa, porque não se deve contar com o auxílio oficial, que é sempre o corruptor de todas as boas ideias e iniciativas, o motivo de confusão e de embaraços em que se traduzem os egoísmos e as vaidades que se debatem pela supremacia.

Provincias de Portugal — se quereis vêr as vossas regiões progredir, se as quereis — um dia — ricas, senhoris, independentes, tornadas em valores contáveis — trabalhai por vós mesmas, cui-

dae de vós, dos vossos dominios, das vossas inúmeras riquezas. Não vos deixeis ir pela tentação de predomínio político. Procura a força na própria vitalidade, na vossa riqueza económica, que ambas vos guiarão — como nenhuma outra — ao apogeu da felicidade, do respeito próprio e alheio e da admiração geral!

Essa felicidade só vos poderá ir pelo **turismo**, no dia em que vos convencerdes que é a única fonte inexaurível do progresso, da riqueza e do bem-estar!

E para que ela se desenvolva entre vós, tão pouco é preciso! — basta seguirdes as nossas indicações, e n'elas encontrareis o bastante para que essa felicidade vos vá bater, livre e espontânea, á vossa porta.

Vos conduziremos a isso, assim vos prometemos — e estamos certos de que o nosso trabalho não será em vão.

José Lisboa

te a humana. Taes as espeluncas onde as infectas instalações de reservada visita só pode chegar-se com transitio pela assegurada pneumonia, em noites de inverno, de uma passagem forçada por pateos ou terraços descobertos e onde fielmente se conservam todas as impressões do visitante, inclusivé as das suas opiniões politicas, sujando fartamente as paredes. Taes as camas de duvidoso aceio, onde a colchões de pedra se juntam travesseiros de pau. Taes os comedouros onde as nodoas de vinho das suas toalhas alternam com as oleografias mosqueadas dos seus muros. Tal a estalagem onde nem se nos sabe dizer a hora de comboio para d'ela fugirmos mais depressa...

Forte espanto, de resto. Se em Lisboa e no Porto...

Se em Lisboa e no Porto a generalidade dos hoteis não tem agua encanada nos seus quartos; as casas de banho quasi não passam de uma por andar... e ás vezes nem tanto; o serviço de informação é absolutamente falho de tudo aquilo que rudimentarmente interessa o forasteiro; os botões da luz e da campainha estão em cada canto invariavelmente fóra do alcance do hospede quando deitado; o aquecimento não existe; ou numa palavra sucinta: se a industria hoteleira, nas duas capitães do paiz, está em regra absolutamente fóra das normas de conforto, higiene e sociabilidade que formam os rudimentos da sua tecnica em qualquer paiz civilisado do mundo...

Ao que, crescem, justos ceus! e não raro: as surpresas da conta. Ao viajante que correu as estradas, que passou nos hoteis e que resistiu a uma d'essas somas mirificas, que mais parecem das finanças do Estado — não lhes faltaram, com efeito, nem comoções, nem encantos!

TURISMO . . .

ESTRADAS.
A *tout seigneur*... Não sabemos de facto, como começarmos mais auspiciosamente a falar de turismo.

Admiráveis, em regra, as estradas portuguesas...

Faltam, é claro, alguns pequenos retoques, omissos ainda. Um plano geral do seu traçado. Ideias nitidas sobre a tecnica da sua construção. Por seu lado, ha provincias limitrofes que pela viação ordinaria ainda não comunicam entre si. Cidades, tambem, cujo contacto se estabelece por percursos quadruplos da sua distancia natural. Centros fabris e regiões agricolas quasi inacessiveis. Paisagens de lenda a que só os *tanks*, porventura, podem chegar.

Mas tudo isso (facil é de ver) será, quando muito, um aperfeçoamento ligeiro, uma lacuna desaperecebida a que só aludirá, com incontroverso mau gosto, alguma má vontade por igual evidentissima...

Porque, na verdade, o *admiravel*: não ha que ir sacá-lo em branco ao que não existe ainda, quando o existente com tanta largueza fornece, patentes e palpaveis, os mais abundantes motivos de pasmo e espanto.

E' correr, com efeito, essa enrugada fita das nossas velhas estradas. Viagens que parecem feitas no ceu, taes as nuvens... de pó em que singramos. Covas e barrancos que sacodem as mais fofas molas em vibrações de epileptico. Pedras e bicos que,

por estoira-los com tal pericia, mais parecem accionistas de alguma empresa de *pneus*. Passagens de nivel, finalmente, que marcam não raro a sua existencia como um ponto final... á existencia dos outros.

E tudo isso, meu Deus! nos nosos mais frequentados caminhos; nos que constituem, como o percurso de Lisboa ao Porto, a espinha dorsal das comunicações portuguezas; e nos que formam, como os passeios a Cascaes e a Cintra, as derivações naturaes do recreio lisboeta.

A amostra basta para se conhecer a fazenda.

Hoteis.

Em regra, tambem, o digno e carinhoso complemento da smaravilhas acima descriptas: a hospitalização adequada para o forasteiro que pelas agruras da estrada aprendeu a tomar contacto com as delicias da terra...

Na provincia, então, salvas excepções tão honrosas como raras, o hotel é qualquer coisa de execravel. Tal a melhor hospedaria *de capital de distrito* (!) onde á chegada da diligencia uma criada de chinelo e candieiro de petroleo nos leva através de dois ou três quartos habitados para um cubiculo... cumulativamente habitado tambem, aliás, por specimens de variadas zoologias — inclusivamen-

E o resto...

Ah! o resto, no seu surprehendente contorno, não pode nem de leve ser maculado por quaesquer veleidades de ironia.

O paiz tornara-se já, anteriormente ao mais agudo da crise europeia, em uma aula pratica de direito politico. A historia dos acontecimentos podia dividir-se em capitulos, abertos e fechados pelo grande instrumental das revoluções com artilharia. E no intervalo, o calendario ia sendo polvilhado pelas datas de segunda categoria das revoluções sem tiros de peça. *Oh! le doux pays*...

Como facilmente se compreende, o

turismo passava a ter um formidável campo de acção. E' que não se viria só a Portugal para gozar a doçura do seu clima, a pureza dos seus horizontes, a graça dos seus vales, a paz fecunda dos seus campos. Podia também fazer-se a viagem para experimentar as sensações fortes da exploração e da luta. Vir-se-hia, por exemplo, vêr a Rotunda como quem vai vêr o Niagara ou o Vesúvio. E hoje mesmo em que todos caminham para as trincheiras desertas á busca do *Campus ubi Troia fuit...* não sei porque razão não buscaríamos preferencia o *campus*, onde Troia... arde.

Depois...

A's vezes até vêem-se coisas ineditas...

A lealdade manda que se previna, no entanto. Não é facil garantir sempre ao forasteiro — a certeza de um espectáculo inedito.

Por um lado, a inventiva nacional ha muito que vem sendo posta a tratos... e não inventa quem quer.

Por outro lado, o doutor Ox espalhou um pouco por toda a parte, lá fóra como cá dentro, o seu gaz hilariante. E mesmo nos esgares da loucura vai sendo cada vez mais verdadeiro o — *nihil novi sub sole*.

FERNANDO EMYGDIÓ DA SILVA.

ASPECTOS DE LISBOA

O PERIGO DA CIRCULAÇÃO DESORDENADA A DESNACIONALIZAÇÃO DOS GOSTOS E DOS COSTUMES

ESTÁ já terminada a estação d'inverno e não se pode dizer que a nossa capital, dentro dos seus limitados recursos, não tivesse proporcionado ensejos para a distração do turista.

Exposições varias, museus, concertos musicaes, opera em S. Carlos, todos os theatros funcionando, festas de caridade e *rendez-vous* elegantes, tudo — enfim — se conjugou com um excessivo movimento na cidade, em que o elemento feminino predominava, exhibindo as suas custosas e originaes *toilettes*, producto das inspiradas modistas de Paris.

No seu aspecto exterior, a vida cidadina apresentou-se de gostos exquisitos, cheia de riqueza traduzida em commodos automoveis, em valiosas jóias, n'um dispendio inconsciente em coisas superfluas, em excesso de luxo, talvez em demasia de ostentação para o critico momento por que todo o mundo — e não só nós — atravessa.

Em todo esse buliço, que muito agradável seria constatar n'uma situação normal e que muito benefico poderia ser para a importação de forasteiros, se poudes verificar, entre outras coisas, porventura pitorescas, dois motivos do maior reparo e a que vamos fazer referencia: — um, o desordenamento em quasi tudo. E não profundando esta nossa apreciação, apenas notaremos que um dos aspectos que mais sobressahe á vista dos estrangeiros que nos visitam, é a falta d'ordem que ha nas ruas. O labirinto

em que se faz a circulação pelas vias publicas de Lisboa, espanta toda a gente e muito principalmente quem não está acostumado a isso.

Não nos referimos só aos peões — que muito é para admirar como não se atropelam uns aos outros; mas, inclusivamente, a circulação dos carros de toda a especie que se cruzam em todos os sentidos, quasi sem obedecer a um regulamento municipal e ás regras estabelecidas pela pratica, causa pasmo, até aos mais acostumados a vêr arriscados exercicios de ginastica equestre e automobilista.

Não sabemos se isto será uma das muitas caracteristicas que nos distinguem. Seja ou não, o que se torna absolutamente necessario é que, principalmente, no respeitante á circulação de vehiculos, se tomem as mais severas, urgentes e energicas providencias pelo perigo que representa o desenfreamento a que se entregam todos os condutores, principalmente os de automoveis, aos quaes é forçoso impôr-se um regulamento consciente e humano.

Esta furia de loucura brava com que os automoveis de toda a especie atravessam as arterias da capital, quer tenham pouco movimento, quer sejam muito concorridas, constitue, ainda mais do que um perigo iminente para os nacionaes, um motivo de nenhuma atracção para os estrangeiros.

E', pois, absolutamente necessario que seja reprimido um tal abuso para não juntarmos mais um titulo aos

muitos que já nos distinguem por varios motivos.

A outra razão do nosso reparo, é a falta de caracteristica nacional, genuinamente portugueza, que se fez sentir em tudo quanto poudes ter expansão durante a quadra que terminou — salvo poucas excepções.

E' muito para lastimar que a nossa primeira cidade não apresente o cunho da nacionalidade que devia ter, e que se mostre como uma estependa salada de imitações mal traduzidas, sem harmonia, sem gosto, sem esthetica nem nada que as recomende.

Isso denuncia uma falta de educação, uma carencia absoluta de orientação civil e patriotica em tudo quanto a nossa actividade abrange. Tudo copiamos, sem senso, nem consciencia do que fazemos; tudo importamos, simplesmente pelo facto de acharmos bom só o que vem de fóra.

Ora, forçoso é pôr-se um dique a esta corrente anti-patriotica, que — a não ser transviada — conduzir-nos-ha em breve a uma completa desnacionalização.

Que cada um meta a mão na consciencia e se compenetre dos seus deveres, para não ser a isso obrigado pela *Liga de defeza dos interesses nacionaes*.

Seria a unica *Liga* com razão de existencia.

F. V.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Tendo terminado, com o nosso anterior n.º 84, um periodo de assignatura, lembramos aos assignantes da REVISTA DE TURISMO o serviço que prestariam á mesma Revista, enviando para a sua Administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, Lisboa, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70).

Procedendo d'esta forma, os assignantes da REVISTA DE TURISMO praticam um acto de patriotismo, pois evitando á mesma Revista as enormes despezas que acarreta a cobrança pelo correio, beneficiam a sua manutenção, que é merecedora de todo o auxilio, por ser a unica publicação que, no genero, se faz em Portugal.

ARTE E LITERATURA

MARIA
MAGDALENA

POR GOMES LEAL

Descai o sol nos olivaeas do monte.

Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
veem vindo as filhas de Jacob á fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

Um rouxinol suspira n'um loureiro.

— E' n'essa hora do occaso meiga, eterna,
em que o sol busca o mar, como um boieiro,
que vem beber á bôcca da cisterna.

Passam Jesus e os seus. — Sião, Ramá,
e as nostalgicas filhas de David
dizem, na sombra baixo: Quem será
este suave e mystico Rabbi?

Mas o sol cai nos olivaeas do monte.

Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
veem vindo as filhas de Jacob á fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

Da Galiléa ao monte do Carmello

as judias, da sombra no mysterio,
dizem, baixo: «Que principe tão bello
parece ser este Rabbi tão sério!

— «Elle é mais loiro do que um sol levante,
mais meigo e casto do que a mansa ave!
Elle é mais bello do que um Rei distante!
— Quem será, pois, este Rabbi suave?»

Mas o sol cai nos olivaeas do monte.

Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
veem vindo as filhas de Jacob á fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

Magdalena, em Bethania, desatando
seu cabelo, qual fulgido lençol,
limpa os pés do Rabbi, humilde, olhando
seus olhos cheios de dominio e sol.

Lança-lhe aos pés um balsamo, correndo,
que Judas diz: do desperdicio o cumulo.

— Mas o Rabbi suave vai dizendo:
«Triste mulher! Ungiu-me para o tumulo!»

O sol descai nos olivaeas do monte.

Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
veem vindo as filhas de Jacob á fonte
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.

O lavrador, na tarde socegada,

dos mysterios scismando sobre a origem,
vai andando, e dizendo, sob a enxada:
— «Quem será o Rabbi pallido e virgem?»

O pescador trigueiro das bahias,

deitando a rêde, diz, olhando o rio:
— Quando virá o lucido Messias?
— Quem é este Rabbi loiro e sombrio?»

O discipulo e apostolo, cavado

dos jejuns, a scismar sobre a doutrina,
vai andando, e dizendo: «O Céu calado
póde crear a encarnação divina?...

«Póde o Verbo ser Carne? O Todo e o Tudo
tornar-se a parte? um ramo de David!
O' céu largo! O' céu triste, bello, e mudo!
quem é pois, quem é pois, nosso Rabbi?»

— Mas Magdalena, n'um amargo chôro,
limpa os pés do Rabbi, cheia d'amor,
com seus longos cabellos, feitos de ouro,
e, baixinho, soluça: — «E' meu senhor!»

O sol morreu nos olivaeas do monte.

Rompe o virgem luar. — A's largas eiras
vão-se indo as filhas de Jacob, da fonte,
com seu rhythmico andar, entre as palmeiras.



NA HISTORICA CIDADE DE EVORA

A REORGANISAÇÃO DO MUSEU

ACHA-SE já organizada a Comissão, nascida d'um grupo de incultos patriotas eborenses, que se propõe tratar, entre outras questões que se prendem directamente com a defesa dos interesses materiaes da sua terra natal, especialmente da reorganisação do museu, que deverá reunir tudo quanto de precioso e artistico possue a historica cidade de Evora.

Essa Comissão adoptou a simples divisa «Pró-Evora»; preocupando-se agora na escolha do edificio que, pelas suas naturaes condições, possa ser adaptado áquele museu, onde tem de figurar os preciosos tesouros que são legitima propriedade d'aquella antiga cidade romana.

A' testa da comissão figura um no-

são alargar-se ha até a parte monumental em que Evora leva a palma a qualquer outra cidade do paiz, e, por isso, esperamos que, em breve, sejam conscienciosamente reparados quantos vandalismos ali se tem cometido, fazendo-se, ao menos, reconstituir o historico edificio dos antigos Paços do Concelho a que estavam ligadas tradições gloriosas de indefectivel amor patrio, das primeiras reivindicações de liberdade do nosso Portugal. Uma outra obra que se impõe tambem, é a reconstituição da antiga galeria das Da-

mas do Palacio de D. Manuel, ha tempos destruida por um incendio, e que, conservando-lhe o primitivo aspecto, seria bem o padrão da gloria cidadina do ciclo historico das descobertas maritimas.

□ □ □ □

Segundo parece, o edificio que se apresenta com mais probabilidades de ser adquirido para a installação do grande Museu de Evora, é o antigo palacio do Conde de Soure a que, segundo a tradição popular, estão ligados factos historicos da ultima invasão franceza.

E' um edificio amplo, e sobre a sua possivel adaptação será consultado o sr. dr. Julio Dantas, inspector das Bibliotecas e Arquivos.

CONSELHO DO PATRIMONIO ARTISTICO

SOBRE a constituição do *Conselho do Patrimonio Artistico* recortamos do *Diario de Noticias* a seguinte apreciação, feita n'esse nosso colega pelo erudito escriptor sr. dr. Julio Dantas:

«O consulado do penultimo ministro das finanças, major Rego Chaves, espirito eminentemente culto, fica assinalado por uma medida de superior interesse para a arte nacional: a instituição do *Conselho do Patrimonio Artistico*, alto corpo consultivo cuja função é dar parecer ácerca da applicação e destino dos bens de arte, moveis e imoveis, que constituem patrimonio da nação. Esta medida, suggerida ao ministro pelo director geral da Fazenda Publica, dr. Alberto Xavier — a cuja delicada sensibilidade de artista não passou despercebida a natureza e a extensão da obra a realizar —, está produzindo consequências e traduzindo-se em iniciativas que são a sua melhor justificação.

Com effeito, o Conselho apresentou ao ministro uma série metódica de propostas de vasto alcance, que foram consideradas com a atenção que mereciam, e a que vai ser dada execução immediata. As mais importantes são as seguintes: criação, no Palacio de Queluz, de um museu de mobiliario do seculo XVIII, que ficará constituindo, como o Museu Carnavalet em Paris, um documento vivo dos ultimos tempos da monarchia absoluta em Portugal; regulamentação da concessão do jardim de Queluz á Escola de Agricultura, de modo a evitar que se modifique, como já se tem feito, o seu estilo e o seu tipo Le-Nôtre; criação de um Museu de Artes Decorativas no palacio da Ajuda, utilizando para esse fim o primeiro pavimento do edificio, sala azul, até á sala de Saxe; entrega, aos Museus de Arte Antiga e de Arte Contemporanea, de determinadas obras de pintura, de escultura e de ourivesaria existentes noo antigos Paços Reaes, e dum painel, pintura em tabua do primeiro quartel do seculo VI, *O Menino entre os Doutores*, que se encontra no edificio do extinto

mosteiro da Encarnação; ajardinamento do local onde está situada a igreja de Santa Luzia, antiga ermida de S. Braz, unica forma de conservar, sem a ameaça de edificações ulteriores, a parte subsistente da muralha moura de Lisboa; inscrição no orçamento da verba de 20 contos, para aquisições pelo Estado das obras de arte que, em virtude da lei de protecção, sejam impedidas de sair do paiz; reversão para a posse e administração do ministerio das finanças de todos os bens da nação, moveis e imoveis, a que, pela Comissão Central de Execução da Lei de Separação e pela Comissão Jurisdiccional dos bens das Congregações Religiosas, não tenha ainda sido dada applicação; remoção, para o Museu de Arte Antiga, da preciosa baixela Germain, que nunca mais poderá servir ou figurar em banquetes officiaes.

Todas estas iniciativas se justificam por si proprias. A ultima impõe-se. Tão prodigamente os governos da monarchia e da republica utilizaram nos ultimos tempos, em banquetes a *tutti quanti*, a baixela admiravel de Thomaz Germain — o grande mestre da prata que Voltaire celebrou em *Les Vous et les Tu*, e de cuja mão ha hoje em França apenas seis peças autenticas — que ela já pode considerar-se, senão nas peças decorativas, pelo menos nas peças baixas, muito diminuida de valor. Além do desgaste determinado pelo uso, e da perda de algumas peças (uma colher desapareceu no ultimo banquete), a baixela-raza tom cortes produzidos pelas facas de trinchar, e, tantas vezes a arearam, que o trabalho mais delicado de cinzel está, em grande parte, prejudicado. Só num pais como o nosso seria possivel o absurdo de mandar arear pratas cinzeladas de Germain!»

Não ha duvida de que é muito interessante e, sobretudo, patriótico, o programa elaborado por esse Conselho, do qual fazem parte, segundo nos consta, além d'aquelle illustre homem de letras, mais os srs. José Relvas, dr. Augusto de Castro, Costa



Um raro movel a figurar no Museu d'Evora

me por todos os titulos illustre, o da sr.^a D. Leonor Fernandes Caldeira, que, ao seu grande culto pela arte, junta um não menor amor pela terra que lhe foi berço, e cuja boa vontade, aliada á das entidades officiaes e particulares comissionadas, é uma segura garantia de bom exito para o patriótico empreendimento que essa comissão se propõe levar a cabo, contando com o auxilio prometido pelo governo central.

A rica capital do sul tem sido, de sempre, pouco lembrada pelos poderes publicos, e a iniciativa particular não lhe tem ficado atraz, motivo porque a comissão «pró-Evora» e «pró-arte» merece todo o acolhimento e incentivo que a imprensa local lhe tem dispensado e que nós não lhe podemos regatear, por isso que o seu «desideratum» cabe no programa da nossa propaganda.

Cremos que a acção d'esta comis-

Mota (Sobrinho), Tertuliano de Lacerda Marques, Gustavo de Matos Sequeira, Manuel Emygdio da Silva e o pintor Mega Lopes.

Esse agregado de homens de indiscutível valor mostra assim o seu desejo de trabalhar em defeza do patrimonio nacional, e não era a *Revista de Turismo* que lhe regatearia o seu mais franco aplauso e leal concurso.

Succede, porém, que a existencia d'esse Conselho nos deixa em tanta confusão como nos causou espanto o decreto que o instituiu, pelo facto das funções que lhe foram incumbidas estarem já cometidas a outra entidade oficialmente instituída e que se denomina *Conselho d'Arte e Arqueologia*, sem que d'este ultimo tenham sido destituídas.

Acontece, ainda, que o decreto pelo qual foi creado o Conselho d'Arte e Arqueologia tem a força de lei, não podendo, por isso, ser derogado por um simples decreto, apenas referendado pelo Ministro Rego Chaves, como o que creou o Conselho do Patrimonio Artístico.

Dá-se, pois, o caso pitoresco de haver duas entidades officiaes com a mesma incumbencia.

Como, porém, nos parece que da existencia d'essas duas quantidades eguaes — sem desprimor para nenhuma d'elas — haverá destruição de efeitos, limitamo-nos a reproduzir as perguntas que, a tal respeito, já formulámos em o nosso numero referido a 5 de novembro ultimo:

— Em que situação fica o *Conselho de Arte e Arqueologia* — instituido por um decreto com força de lei — em face do Conselho do Patrimonio Artístico creado por um simples decreto?

— Pode considerar-se, desde então, inexistente, apesar de não ter sido derogado o instrumento que o instituiu?

— Continuando, porém, a existir, quaes são as suas novas funções e a que campo se limitam?

— Ou fica de reserva para qualquer eventualidade futura?



Renovando estas perguntas, apenas temos em mira esclarecer uma situação que se nos afigura dubia e que, de modo nenhum, pode ser proveitosa nem para o nosso patrimonio artistico, nem para ninguem — a começar pelos membros dos dois conselhos.

Esperamos, pois, que, dada a nossa insistencia, alguém virá amavelmente elucidar-nos sobre o caso, para que também possamos informar os nossos leitores da resolução que lhe foi dada — se, porventura, alguma já se tomou sobre o assumpto, o que não nos consta.

REVISTA DE TURISMO

APEZAR de toda a nossa boa vontade e dos esforços que temos empregado para pôr em dia a publicação da *Revista de Turismo*, em atrazo desde a ultima grève tipografica, não nos foi ainda possível satisfazer a esse desejo.

Com a recente e dilatada grève dos correios e telegrafos, mais se accentuou esse atrazo; o que, causando consideraveis prejuizos, não só a esta Revista succedeu, mas a todas as publicações em geral.

Não havendo, pois, por esses motivos, possibilidade de, normalmente, se regularisar a publicação da *Revista de Turismo*, resolveu a sua empresa, para não alterar as colecções, referir os numeros a seguir aos mezes decorridos, até chegar á corres-

pondencia dos dias marcados de origem para a distribuição da mesma Revista.

Só d'esta forma e a não sobrevir qualquer novo impedimento, se poderá conseguir que ela se possa ocupar, com a devida oportunidade, dos assumptos mais instantes sobre a especialidade a que se dedica.

Creimos que esta medida será favoravelmente acolhida pelos assignantes, anunciantes, leitores e amigos da *Revista de Turismo*, visto que é a unica que se impõe como recurso de momento. De resto, este mesmo procedimento tem sido adoptado não só pelas revistas portuguezas, como pelas estrangeiras, principalmente francezas e italianas.

Isto, porém, sem espirito d'imitação...

O TURISMO EM PORTUGAL

UM TESTEMUNHO INSUSPEITO

EM uma das chronicas que diariamente *O Seculo* insere, de autoria do espirituoso e brilhante jornalista *João Verdades*, encontrámos a seguinte apreciação sobre o turismo em Portugal, a qual nos permitimos a liberdade de transcrever:

«Volta a falar-se muito em turismo. Sem duvida que pode ser, esse, um dos grandes elementos de prosperidade do nosso paiz. Para que seja, indispensavel se torna, porém, cercar de confortos, completar com comodidades e seguranças o pitoresco natural, fulcro atractivo dos forasteiros. Já eu o disse algures; teem-se esfalfado a proclamal-o quantos se interessam por estas coisas de importancia minima para a maior parte da gente, mas das quaes depende o bem geral.

«Sem estradas, sem hoteis, não ha turismo de facto. E aquele com que vimos sonhando, não sei desde quando, pouco exigente ao ponto de se contentar com o sol, os horizontes e as tradições nacionaes, está provado que não chegará nunca. Temos, pois, que nos preparar para o que, vindo cá por tudo isso, reclama mais do que isso. E ha que confessar, embora com lastima, que, a não ser o que a natureza nos deu, pouco mais temos para lhe dar.

«O jogo será um poderoso elemento subsidiario de atracção. Sem duvida.

Mas proporcionar, aos que jogam, a sensação forte que eles procuram na roleta ou na banca franceza, continua a não bastar. Indispensavel se torna defendel-os contra outra sensação ainda mais forte, que eles não procuram. A de serem assaltados a uma esquina.

«O policiamento da cidade — e refiro-me, apenas, a Lisboa — mantem-se irrisorio. Os roubos por assalto são o pão nosso de cada noite e até mesmo em pleno dia; a nossa educação social longe está de nos libertar da acção de quem tenha mão em nós.

«As hospedarias em Hespanha — dizem os francezes do tempo da mala-posta — são magnificas, desde que o viajante leve comsigo tudo quanto precisa.

«A primeira condição para sermos um paiz de turismo é dispensarmos o turista de trazer tudo na mala — inclusivé um agente de segurança.»

A apreciação d'esse nosso confrade é um verdadeiro retrato da situação, que melhor não poderíamos pintar.

E' bem triste termos de pôr em evidencia estas cruas verdades; e a este proposito, disse-nos ha tempo um estrangeiro — por signal bem amigo do nosso paiz — que nos deviamos abster de falarmos sobre o que de mau pudesse aqui haver; tanto mais que, tendo a nossa Revista uma larga

circulação no estrangeiro, essas referências poderiam influir no animo dos que estivessem dispostos a visitar-nos. É claro que não podemos deixar de concordar com essa maneira de vêr, que, de resto, se coaduna perfeitamente bem com o nosso programa; e sob este critério, a nossa mais acerba apreciação do que por cá existe de mau — e tanto é, infelizmente — só tem sido feita quando a consciencia nos indica que assim devemos proceder. Se é certo que o nosso dever patriótico nos obriga a calar certas intimidades, outras ha, porém, que

o mesmo sentimento nos impele a criticar, por pensarmos que d'essa maneira melhor servimos a nossa Patria, que muito desejamos vêr elevada, a todos os titulos, no conceito mundial.

Por isso não nos repugna transcrever a apreciação que, sobre o turismo em Portugal, *João Verdades* fez em o nosso colega *O Seculo*.

Oxalá ella pudesse ser considerada por nós como uma fantasia.

... E muito nos felicitaremos se ella produzir algum feito.

J. L.

“CANTARES,”

VERSOS DE ANTONIO BOTTO • MUSICA DE NICOLAU D'ALBUQUERQUE ILUSTRAÇÕES DE ANTONIO CARNEIRO

UMA original e muito interessante produção artistica acaba de vir enriquecer o patrimonio nacional.

—*Cantares*—é o titulo d'essa produção, e é quanto basta para evocar o genio sentimental na cultura da Arte.

N'ella colaboraram três preciosos artistas: Antonio Botto, o mavioso e inspirado poeta que os nossos leitores conhecem já pelas soberbas paginas com que tem illustrado esta Revista, e cujo nome está hoje já consagrado como o d'um poeta de raça, como o d'um artista da verdadeira inspiração portugueza—o que equivale a dizer que em nenhum ouro paiz do mundo se encontra espirito de mais perfeita harmonia, de mais genial inspiração.

Nicolau d'Albuquerque é o sensível interprete da alma luzitana, n'esses rendilhados trechos musicaes que dão vida, côr e luz ás delicadas concepções de Antonio Boto.

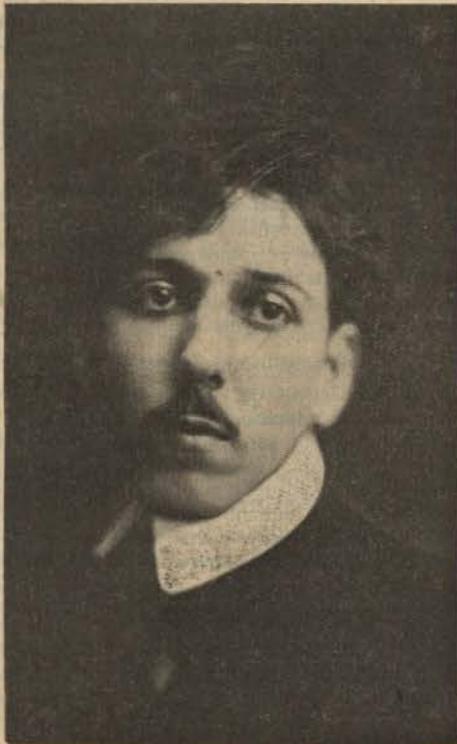
Les beaux esprits se rencontrent—dizem os francezes, e esta phrase pode ser aqui applicada com propriedade. Antonio Botto e Nicolau d'Albuquerque possuem duas almas que se fundiram n'um conjuncto soberbamente artistico, perfeitamente harmonico em inspiração e genio.

Completa a trindade o já, a todos os titulos, illustre pintor Antonio Carneiro. Os seus trabalhos nas doiradas paginas dos *Cantares* são preciosas filigranas, mimos de Arte, felizes sonhos d'uma intuição inimitavel.

Se outras obras não lhe tivessem marcado já um lugar de destaque, a sua colaboração em os *Cantares* im-

punham-no como um verdadeiro artista que é.

Esta é—para nós— a verdadeira apreciação d'essa obra, que nos seduziu, porque nos deixou o encantamento saboroso e perduravel d'um



ANTONIO BOTTO

inegalavel conjuncto seductor, porque difficil é reunir três artistas tão naturaes, de tão equal tempera e de tão fina sensibilidade, como os auctores d'essa valiosa obra que acaba de enriquecer, fulgurantemente, a arte nacional.

J. L.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença. das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU TIFLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala Só, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2.º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGOGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.



ITALIA

O desenvolvimento do turismo

A ideia de que a organização da industria das viagens em Italia ha de trazer para esse paiz uma poderosa fonte de muito apreciaveis receitas, está-se ali radicando intensamente, a ponto de, por toda a parte, se procurar a conjugação dos esforços necessarios para que o seu desenvolvimento se faça tão rapido quanto possível. Assim, todos os motivos que lhe servem de complemento directo e que são absolutamente indispensaveis a essa industria para com ela constituirem esse todo a que se chama **Turismo**, estão sendo estudados nos seus mais minuciosos detalhes e pelos seus prismas de maior interesse a fim da sua acção ser cuidadosamente orientada e d'ela resultar a harmonia indispensavel a uma perfeita captação de turistas.

Principalmente nas provincias que mais podem captivar os estrangeiros pelo pitoresco da sua vida intima, pela originalidade das suas paisagens e, ainda, pelas características que as possam distinguir do resto do paiz, o entusiasmo pela defeza das suas prerogativas moraes e o interesse por se constituirem potencias de valor proprio, impondo-se ao respeito dos seus mais caros interesses materiaes, acentuam-se progressivamente, cada uma trabalhando por ser superior ás outras nas belezas artificiaes dependentes do esforço do homem, nas comodidades e facilidades indispensaveis ao seu acesso e aos seus motivos de atracção.

Uma d'essas provincias que mais tem trabalhado para esse fim é, sem duvida, a *Veneza Giulia*, talvez a mais risonha d'essa adoravel península do Mediterraneo.

Ali ha ainda mais do que o interesse material ou de que o entusiasmo impellido pela força moral: ha o desejo vehemente de que essa bela provincia seja bem conhecida e bem apreciada em todas as suas belezas, nos seus aspectos mais proprios, unicos talvez em toda a grande nação, apesar da sua incomensuravel variedade.

Por isso o renascimento do turis-

mo está ali atrahindo as mais provadas energias, que se desenvolvem com extraordinario patriotismo. Os seus resultados constataem-se já por uma forma eficaz e traduzem-se em factos que contribuirão d'uma maneira decisiva para o fim que aquela provincia se propõe atingir.

Uma das primeiras medidas d'essa grande obra foi a Constituição, em Trieste, da *Sociedade para o movimento de forasteiros na Venezia Giulia*, cujos estatutos, já superiormente aprovados, impõem os seguintes deveres:

- organização do «comité» central;
- instituição, n'essa cidade, d'uma secretaria para todo o expediente e de uma repartição anexa destinada a posto de informações e á propaganda;
- estabelecimento de agencias em toda a região, para a difusão da propaganda, para a atracção de esforços e orientação dos serviços necessarios á boa exploração da industria das viagens;
- criação das relações officaes com o Governo e repartições publicas, associações congeneres, imprensa, agencias de transportes maritimos e terrestres, emfim, com todas as entidades cujas relações directamente interessam aos seus fins;
- publicação e distribuição de guias e livros descriptivos da região, indicando com escrupuloso cuidado os pontos que devem ser visitados, os motivos de atracção, as facilidades de acesso, as comodidades que oferecem, hoteis, serviço de automoveis, etc.

Está, pois, lançada a pedra basilar sobre que assenta o programa do desenvolvimento do turismo, em que essa provincia italiana está verdadeiramente empenhada.

Emigração alemã para a America latina

A emigração alemã para os paizes da America latina é um dos motivos de grandes apreensões em Italia, que não vê com bons olhos os projectos germanicos de proseguir, por uma forma intensa, no estabelecimento d'uma copiosa emigração, especialmente para o Brazil e Argentina.

Se esses projectos vierem a ter uma rapida realidade, os prejuizos que in-

fligirão á emigração italiana para esses paizes são de tal modo importantes, que a Italia vê n'isso um profundo abalo para a sua colonisação na America, que assim será atingida na sua integridade moral e afectada directamente nos seus interesses materiaes. E sob este ultimo aspecto é que as preocupações recahem principalmente, sabido como é que os alemães possuem recursos especiaes para dominarem commercialmente os mercados do mundo.

Este é que é o principal e verdadeiro aspecto da questão; mas ele não afecta simplesmente a Italia, como tambem as nações exportadoras dos productos que nos mercados sul-americanos encontram sempre a melhor colocação.

A essa concorrencia, outra terá que se opôr que apenas resultará em beneficio para o consumidor. E este o que quer é "bom e barato."

Porém, sob o ponto de vista do turismo, ha que ter em especial atenção os recursos postos em pratica pela Alemanha antes da guerra; recursos que ela agora renovará para obter de novo quasi que o monopolio do transporte, pelos seus vapores, da grande maioria dos passageiros sul-americanos, pelos quaes fazia e fará espalhar os mais atrahentes réclames ás suas cidades, vilas e aldeias, praias, thermas e estancias de cura, emfim de todos os motivos da sua terra que captavam e voltarão a atrahir o estrangeiro para n'ela deixar o seu melhor oiro.

FRANÇA

O turismo nas colonias

A acção do Touring Club de França não se limita simplesmente ao que possa interessar o desenvolvimento do turismo na metropole. Ela vaé mais além — ao estabelecimento das viagens pelas colonias, de que espera tirar os melhores resultados.

Sob esta ordem d'ideias, os seus trabalhos tem sido orientados de forma a crear uma corrente de atracção para as viagens á Algéria, procurando estabelecer ali uma completa e perfeita exploração da industria de turismo, seguindo as condições indicadas pelo seu programa geral, adequadas, todavia, ás circumstancias que se apresentam em relação a essa provincia colonial, á sua vida e organização social, aos seus recursos e facilidades.

E' assim que essa importante agremiação franceza mostra quão valioso é o seu concurso na vida social da grande nação, que a impõe á consideração a que tem legitimo jus.